



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Cênicas

# **APRESENTAÇÃO DE UM PLANO DE AULA TEATRAL PARA RESSOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES EM CÁRCERE**

Beatriz Gasparotto da Silva

Brasília, fevereiro de 2023

Beatriz Gasparotto da Silva

# **APRESENTAÇÃO DE UM PLANO DE AULA TEATRAL PARA RESSOCIALIZAÇÃO DAS MULHERES EM CÁRCERE**

Orientador: Prof. Dr. Tiago Mundim

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Licenciatura em Artes Cênicas  
apresentado ao Departamento de  
Artes Cênicas do Instituto de Artes  
da Universidade de Brasília.

Brasília, fevereiro de 2023

Trabalho de conclusão de curso da estudante Beatriz Gasparotto da Silva, apresentado à Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Artes Cênicas.

Banca examinadora:

---

Professor Dr. Tiago Mundim - IdA/ CEN/ UnB

Orientador

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Luciana da Costa Dias - IdA/ CEN/ UnB

Examinadora

---

Professora Dr.<sup>a</sup> Juliana Lima Liconti - UNIRIO

Examinadora

## RESUMO

---

A pesquisa deste trabalho de conclusão de curso propõe destacar como as mulheres são tratadas dentro das prisões, e principalmente ressaltar a importância da arte-educação em espaços prisionais como método de ressocialização, visando a melhoria da qualidade de vida dessas mulheres e destacando a importância da arte em suas vidas. Essa proposta se propõe a elaborar um plano de aula de 6 semanas de trabalho, com 1 aula de duas horas por semana, visando formar um maior vínculo com as detentas. Levando em consideração a burocracia existente no sistema carcerário, somente as detentas em regime semiaberto teriam acesso às aulas.

**Palavras-chave:** Teatro. Arte-educação. Cárcere. Mulheres.

## **AGRADECIMENTOS**

---

Agradeço, primeiramente, a mim mesma, só eu sei a batalha que foi para ingressar nesse curso, estudar à noite, viver uma rotina intensa entre trabalho e estudo. Conseguir concluir esse trabalho é uma vitória de muitas que ainda conquistarei.

Agradeço à minha família, em especial, a minha mãe, Clélia Raquel Gasparotto, que nenhum dia sequer deixou de acreditar em mim e no meu sonho, agradeço ao meu pai, Antonio Alan da Silva, pelo apoio e incentivo à arte, aos meus irmãos, Isabela Gasparotto da Silva, Eduardo Gasparotto da Silva, Gabriel Gasparotto da Silva, à minha madrasta Andrea Nunes, e toda a minha família, sem vocês não teria conseguido.

À minha avó, Astrogilda Izabel de Oliveira Gasparotto, que infelizmente não está mais entre nós, mas foi um grande exemplo na minha vida, e sei que está orgulhosa da trajetória que levei.

Ao meu orientador Tiago Elias Mundim, que foi uma pessoa excepcional, sempre buscou maneiras de me ajudar, não me fazer desistir, me entendeu e apoiou durante todo o processo.

À Universidade de Brasília, que se tornou minha segunda casa, eu amo esse lugar e sou muito grata por toda a trajetória que passei durante minha graduação. Ao corpo docente do Departamento de Artes Cênicas que foram essenciais na minha formação.

Ao meu namorado, Brendon Gabriel Mendes Martins, que sempre se mostrou uma pessoa incrível, me apoiando, incentivando e admirando meu trabalho, sempre estando ao meu lado.

Aos meus amigos Alan Beltrão, Alzira Bosaipo, Victor Souza, Gabriel Cabral, Mariane Mendonça, Maria Fernanda, Suzana Brandão, Luiz Lemes, Janaina Valente,

Vinicius Ávlis, César Azenha, Fábio Aurélio Garcia, Maiara Costa, Jordana Sousa, Jéssica de Aguiar, Maria Angélica Antunes, Lorrane Carvalho, Priscila Mota Prates, Lorena Alves e Gilberto Borges que nunca soltaram a minha mão, sempre me incentivaram e torceram por mim.

À minha turma do noturno de 2018, obrigada por terem ingressado nessa loucura comigo.

Às minhas professoras da escola, Stephanie Marques, Rita Cruz, Larissa Vitorino e Tatiana Trindade, pelos ensinamentos, apoio e principalmente, referência, sem elas eu não teria chegado aonde cheguei.

# SUMÁRIO

---

<b>RESUMO</b>	<b>4</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>5</b>
<b>SUMÁRIO</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 01 - A mulher e a prisão</b>	<b>16</b>
1.1 - Situação dos presídios	16
1.2 - Abandono da mulher	17
<b>Capítulo 02 - Ressocialização e a arte</b>	<b>19</b>
2.1 - A influência da <i>arte</i> na prisão	19
2.2 - Processo dos planos de aula	21
<b>Capítulo 03 - Planos de aula</b>	<b>26</b>
3.1 - Descrição dos planos de aula	27
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

---

Este trabalho busca entender como o teatro pode influenciar e colaborar no processo de ressocialização/reabilitação das mulheres em cárcere. Esse é um tema que eu penso em estudar e pesquisar há muitos anos, antes mesmo de ingressar na faculdade, visto que é um tema de extrema relevância e pouco falado. Sempre pensei em trabalhar com minorias e especificamente com mulheres. O interesse por esse tema surgiu quando eu tinha 15 anos e estava assistindo a série norte-americana *Orange is the new black*. Um episódio me chamou atenção, pois um homem, que eu não me lembro se trabalhava lá ou não, levou uma caixa de som para uma sala e fez uma atividade com as detentas, lembro que elas comentaram disso pelos outros dias com muita alegria, me despertando um interesse repentino. Percebi que é um tema pouco falado no Brasil, além do que, apesar da série ser em outro país, algumas características são muito comuns nas prisões no geral, como maus tratos, estupros, uso de drogas, falta do básico para alimentação e higiene pessoal das detentas. Refleti sobre como era a vida dessas mulheres no Brasil e o que elas faziam antes de serem presas, se elas tinham acesso à arte antes e depois de serem encarceradas. Questionamentos me surgiram como: O que é arte na prisão? Como o teatro influencia na vida dessas mulheres? Elas têm acesso a algum tipo de arte? Como isso funciona? Será a arte capaz de influenciar na ressocialização dessas mulheres?

Quando falamos em ressocialização, entramos em um constante debate, porque para uns existe, para outros não. Até dentro do próprio presídio elas debatem sobre.

*“Imagine prender um cachorro, agora imagine deixar ele sem comer, bater nele, deixar ele trancado, agora imagine quando solta esse cachorro, o que ele vai fazer? Primeira coisa é morder a canela de quem tiver por perto”.* Calamos, todas suspensas, atônitas diante daquela revelação. Enquanto eu me recuperava do incômodo daquela situação, uma atriz-presa comenta: *É, eu penso assim: se a gente aprendesse um trabalho, aí tudo bem. Eu, por exemplo, queria trabalhar com comida, fazer salgadinho, sonho em ter uma cozinha. Já podia aqui tá aprendendo a cozinhar, porque quando saísse eu já tinha uma coisa pra fazer* (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 92, grifos do autor).

É muito complicado afirmar que, de fato, há ressocialização, porque realmente é relativo. Não é algo que depende somente do desejo das mulheres em situação de cárcere, ou de pessoas que querem essa melhoria, mas infelizmente, depende de um sistema que é falho. Que muitas vezes, existe um plano de lei bom, mas que não é executado como deveria.

Durante minha pesquisa, com todos os relatos que li, pude perceber a melhora da qualidade de vida dessas mulheres, como conseguiram se expressar melhor, melhorou o convívio umas com as outras. O sistema carcerário também não facilita para o ambiente se tornar menos hostil, as guardas tratam as presas com inferioridade e rispidez a maior parte do tempo.

Como grande parte da minha pesquisa foi feita durante a pandemia, não pude atuar dentro da Penitenciária, como era meu desejo. Por isso, fiz uma revisão bibliográfica e coleta de dados para dar continuidade ao meu trabalho, e quem sabe no futuro eu consiga dar início ao meu projeto presencial e fazer dar certo.

A arte, e conseqüentemente o teatro, são extremamente elitizados. O intuito desse trabalho, além de tornar essas mulheres protagonistas, é fazer com que elas enxerguem que também estão nesse meio e que a arte é para todos. É possibilitar a elas um momento de liberdade dentro da prisão, retomar quem elas eram antes do crime que cometeram. É também, para refletir que a maneira como essas mulheres são tratadas dentro da prisão é um reflexo de como elas são tratadas na sociedade. As mulheres são abandonadas, esquecidas e maltratadas.

No primeiro capítulo, no primeiro subtópico falo sobre o abandono da mulher, como nessas e diversas outras situações, a mulher sempre fica de lado, abandonada pelos seus parentes, familiares, companheiros e amigos. Há relatos de como elas se sentem sozinhas e fazem de suas amigas, companheiras de prisão e cela, sua família.

Para a sociedade, é muito mais comum esperar que um homem seja preso, porque a mulher foi criada para ser boazinha, dona de casa, a que obedece.

A diferença maior, se você tiver que escolher uma, é o abandono. O homem que vai preso tem sempre uma mulher que vai visitá-lo: namorada, amante, esposa, tia, prima, avó, mãe. A mulher que vai presa é abandonada completamente. Pra você ter uma ideia, na penitenciária feminina tem 2.200, 2.500 presas. O número médio de visitantes por semana é 800. Visitas íntimas não passam de 200 mulheres. Você vai numa cadeia masculina e o número é muito superior a esse (Varella, 2021, online).

E uma frase que me fez refletir muito sobre o meu trabalho: “Que outras mulheres trancamos nos corpos das mulheres presas, nas vidas aprisionadas?” (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 89). A motivação da pesquisa estagiária da pesquisa realizada pelos autores citados, para estar ali e fazer esse trabalho, foi querer viver clandestinamente a história dessas mulheres presas, no sentido de tentar entender como o seu corpo vivia nesses corpos.

Grande parte das mulheres que se encontram em situação de cárcere estão lá porque estavam ajudando seus maridos. E esses maridos e/ou companheiros já estão presos e elas são a única forma de sustento da casa, por isso, acabam se rendendo ao tráfico.

Depois de presas, suas famílias acabam abandonando-as, e muitas sentem vergonha que a própria família ou amigos(as) as visitem naquela situação.

*Eu aprendi que aqui tem muito sofrimento. Muitas mulheres sofridas, abandonadas pelos maridos, pelas mães, por filhos, por tudo aqui. O povo tem a gente como bandida, mas tem um monte de mulher sofredora. Eu estou presa por causa de um erro do meu marido e estou aqui, um ano e três meses. A justiça é muito injusta. Os traficantes ficam tudo aí na rua e as mulheres tudo presa, longe de seus filhos, de seus maridos, de suas mães. Às vezes, a gente não é abandonada, mas são as condições da mãe, dos irmãos que não podem visitar. Eu aqui não sei o que é alegria, é só tristeza, dor e saudade (Dora, atriz presa<sup>1</sup>) (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 96, grifos do autor).*

No segundo subtópico do primeiro capítulo, falo sobre a situação em que as prisões se encontram, a alimentação que essas mulheres recebem, comidas estragadas, as camas em que dormem, que muitas nem tem onde dormir por causa da superlotação dos presídios. Não recebem o básico para higiene pessoal, não têm absorventes e muitas vezes utilizam miolo de pão ou qualquer outra coisa disponível que contenha o sangue. Algumas acabam até reutilizando materiais, gerando grande risco de infecções: isso é pobreza menstrual.

A pobreza menstrual vai muito além de não ter dinheiro para comprar absorventes, ela denuncia a desigualdade social, a falta de acesso à água e ao saneamento básico.

Em alguns presídios, os itens de higiene são responsabilidade da detenta, que

---

<sup>1</sup> Atriz presa: As atrizes-presas já faziam arte antes de a arte fazê-las artistas. Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014.

depende de sua família para isso. Como já falado, o abandono é grande e lhes falta, também por esse motivo.

No segundo capítulo, falo sobre a ressocialização e a influência da arte na vida das pessoas em situação de cárcere. Em uma das reportagens que li, me deparei com um relato de uma mulher falando sobre quando conheceu o projeto de arte dentro da prisão.

“Quando conheci o projeto de artes, eu distraía a mente, esquecia que estava lá dentro. Aprendi muita coisa. Achei que não fosse conseguir, mas consegui”, diz ela, cuja primeira peça foi uma xícara com o desenho de um coelho. Na mesma semana em que ganhou a liberdade, Ana Paula conseguiu uma autorização para retornar ao lugar de onde havia saído, pela porta da frente, como convidada. Pela participação no projeto, ganhou um certificado. “Esse dia foi maravilhoso. Nunca me esqueço. Peguei um certificado pela primeira vez na minha vida” (Tribuna de Minas, 2020, online).

Nessa mesma reportagem, falaram sobre como a ociosidade não faz bem, que elas procuram qualquer motivo para sair da cela e esquecerem que estão ali. O ambiente é sufocante e tudo que elas querem é uma distração para os dias passarem mais rápido. A mulher que faz o trabalho com arte no presídio diz que elas nunca repetem os trabalhos que fazem, que apesar de presas, podem criar e são criativas, que lá dentro é tudo muito rígido, e quando chegam na oficina, podem ser elas mesmas, livres para criarem o que quiserem (Tribuna de Minas, 2020, online).

Em todas as minhas leituras, todas que saíram da cadeia falam da dificuldade que é o “mundo lá fora”, que uma ex-presidiária nunca tem a mesma chance de outras pessoas, muito pelo contrário, as dificuldades são cada vez maiores, elas não têm oportunidades. E depois de anos dentro de uma prisão, até com a liberdade elas precisam se acostumar, e por mínimo que seja o tempo de prisão, segundo relatos, cada minuto lá dentro parece uma eternidade, ainda mais quando se está ocioso.

Acho de extrema relevância o quadro (Fernandez, 2016, pp. 37-38) em que se diz o apelido dos jovens em acolhimento institucional, a idade, a instituição e a situação em que se encontravam naquele momento, fevereiro de 2016. Mostra também a capacidade que o projeto teve em transformar a vida de alguns desses adolescentes, outros saíram da rua, alguns continuaram, outros estão em tratamento de drogadição, outros desaparecidos. A proposta do quadro é interessante porque traz uma sensação de continuidade ao projeto, faz com o que o projeto seja a longo prazo do que inicialmente seria. Esse quadro é muito importante para entender a

situação e os caminhos que algumas escolhas levam, mas que também nem sempre são sobre escolhas.

Quadro 1 - Apelidos dos jovens

<b>Apelido</b>	<b>Idade</b>	<b>Instituição</b>	<b>Situação – Fevereiro/2016</b>
Ouriço	15 anos	UNIDADE	Desaparecido.
Besouro	18 anos	UNIDADE	Fez o curso de dublê em São Paulo; firmou-se em Meninos da Guerra; passou a ser técnico da Cia La Casa Incierta. Atualmente mora na Ceilândia/DF. Fará parte de nosso próximo projeto: TETO E PAZ (2016).
Pelezinho	14 anos	ACOLHIMENTO	Em acolhimento – Recebeu bolsa da Casa das Artes para desenho básico, após enviarmos currículo e portfólio. Fará parte de nosso próximo projeto: TETO E PAZ (2016).
Menino Maluquinho	15 anos	ACOLHIMENTO	Em acolhimento – Foi convidado pelo ator Herculano Almeida, de Meninos da Guerra, a participar de um filme após o espetáculo, com um diretor de Cinema de São Paulo. A atuação dele foi elogiada e o filme prevê grande sucesso. Fará parte de nosso próximo projeto: TETO E PAZ (2016).
Diamante	17 anos	UNIDADE	Na rua. Encontrei-o na rua e ele me contou que foi retirado da UNIDADE para uma instituição de acolhimento. Como não aceitou a saída após ter ficado 5 anos na UNIDADE, resolveu voltar para a rua.
Carinhoso	18 anos	UNIDADE	Internado para tratamento de drogadição.
Urso Carinhoso	16 anos	UNIDADE	Vive na casa da tia e faz estágio.
Surfista	Não sei a idade	UNIDADE	Está na rua.
Iemanjá	17 anos	UNIDADE	Tornou-se mãe da filha de Besouro. Está na rua.
Trapezista	16 anos	ACOLHIMENTO	Participou de parte do processo do espetáculo Meninos da Guerra e desistiu na metade. Não sei onde está.
Pidão	16 anos	UNIDADE	Está na rua.
Gavião	18 anos	UNIDADE	Está cumprindo pena na penitenciária, foi acusado de homicídio de uma pessoa que estava em situação de rua.
Castor	14 anos	UNIDADE	Não localizado.
Poeta	14 anos	UNIDADE	Não localizado.
Tristeza	13 anos	UNIDADE	Está na rua.
Gatinha	16 anos	Mora com os pais	Mora com os pais.
Princesa	17 anos	ACOLHIMENTO	Atualmente mora com a irmã.

Espoleta	15 anos	ACOLHIMENTO	Está em acolhimento.
Baiana	18 anos	UNIDADE	Completo 18 anos e está morando em Fortaleza.
Guerreira	15 anos	UNIDADE	De acordo com os colegas de Meninos da Guerra foi expulsa do Abrigo por usar maconha.
Mãezinha	8 anos	ACOLHIMENTO	Na instituição
Hulkizinho	13 anos	RUA	Está na rua.
Espichado	19 anos	UNIDADE E ACOLHIMENTO	Participou do programa "Vira Vidas" e tornou-se técnico em eletricidade. Alugou uma casa, onde vive.
Cantora	16 anos	UNIDADE	Não localizado.
Serpente	16 anos	ACOLHIMENTO	Faz "programas" para ganhar dinheiro. Desistiu de participar de Meninos da Guerra ainda no início do processo.
Daisy	16 anos	ACOLHIMENTO	Não fez parte do processo de Meninos da Guerra, mas acompanhei sua recusa de permanecer no abrigo Batuíra. Não sei onde está.
Perdida	16 anos	ACOLHIMENTO	Em conversa pelo telefone disse que estava desistindo da situação de acolhimento institucional e voltou a viver com a irmã.
Leka	Maior de idade	RUA	Leka está fazendo tratamento de drogadição.
Bondoso	17 anos	UNIDADE	Morreu em 2015.
Desdentado	17 anos	UNIDADE	Morreu em 2015.
Cavalo Azul	17 anos	UNIDADE	Foi embora para o interior da Bahia atrás do circo no qual trabalhava.
Câmera	16 anos	UNIDADE	Não localizado.
Trancado	18 anos	UNIDADE	Está na rua.
Bailarina	16 anos	UNIDADE	Não localizado.
Rapper	17 anos	ACOLHIMENTO	UNAC
Príncipe	16 anos	ACOLHIMENTO	Casa de Ismael.
Calada	17 anos	ACOLHIMENTO	Lar de São José
Palhaço	18 anos	RUA	Mora com <i>Charmosa</i> .
Charmosa	17 anos	ACOLHIMENTO	Mora com <i>Palhaço</i> .
Galã	17 anos	UNIDADE	UNAC
Lino	Não sei a idade	UNIDADE	Participou de minha primeira oficina na UNIDADE e não tive mais contato com ele.

Fonte: Elaborado pela autora: Fernandez, Livia. 2016. p. 37 - 38.

Reitero a importância da escuta dentro da prisão, e apesar de toda a questão burocrática, nos projetos feitos lá dentro, é de muita relevância a troca de afeto, estar disposta a dar e receber.

Sempre me questionei muito quando decidi esse tema, e eu me senti acolhida com os questionamentos levantados.

O propósito inicial da pesquisa parecia objetivo e evidente: o teatro é capaz de promover a resiliência e o empoderamento de jovens em acolhimento institucional e também em situação de rua? É capaz o teatro de constituir-se como capital social que suprima ou diminua as carências afetivas e econômicas destes jovens, a partir da interação artística com pessoas e grupos onde fosse possível experimentar o convívio saudável, o entrosamento e aceitação social entre si? Poderiam eles e elas desvincular-se de comportamentos violentos e autocentrados, a partir do convívio com artistas para a construção de uma obra de arte? (Martinez, 2016, pp. 26-27).

E como fazer tudo isso? Para além disso, ainda há a dicotomia entre a liberdade e a prisão. Como se sentir livre em uma instituição prisional?

Além do convívio, a pesquisadora menciona outras três coisas essenciais para a aproximação dela com os jovens que são: a ética, o afeto e o cuidado, sendo que estão num ambiente de abandono, com isso, acaba-se criando o vínculo. É importante frisar também que, grande parte dos jovens em situação de vulnerabilidade social que cometem crimes, fazem isso por não ter escolha, outras opções nem sempre parecem viáveis (Martinez, 2016, p. 60).

As histórias dessas mulheres precisam ser ouvidas. Como a Lívia diz, (Martinez, 2016, p. 67) “histórias como essa são mais do que um bom roteiro de cinema ou teatro. Elas são instrumentos de denúncia, e por isso passei a defender que *os adolescentes de abrigo e de rua* se utilizassem da prática teatral para contar a história de vida que traziam em seus corpos”.

Quando as histórias se tornam conhecidas, além de conhecimento, traz aprendizado. Quando uma pessoa escuta uma história que a toca emocionalmente, ela não será esquecida, e muitas vezes se torna inspiração, nem sempre no sentido de levar aquilo para a vida ou querer fazer igual, mas no sentido de: não vou deixar que isso aconteça comigo, ou, vou ajudar quem está numa situação parecida, porque agora eu entendo como a pessoa se sente.

Em 2017, o Gshow<sup>2</sup> fez uma matéria sobre um programa de ressocialização do Piauí que transformou vidas através da arte, criado em 2015, com o intuito de levar arte para as reeducandas da penitenciária de lá. O coordenador explica como é difícil uma ex-detenta conseguir um emprego, e através da arte isso têm tido mudanças, as pessoas vêm e se emocionam, refletem como isso pode acontecer com qualquer um e repensam os julgamentos.

Já a detenta Edilene Pereira conta que mudou com a ajuda do programa de ressocialização que envolve arte. “ Quando cheguei aqui, eu era uma pessoa bastante agressiva, terminava agredindo as pessoas, estava totalmente transtornada. Aí eu conheci o teatro, passei os dois anos fazendo tratamento psiquiátrico, recebi alta e agora estou estudando aqui na penitenciária. Agora, quando estou no palco me sinto realizada, bastante realizada”, conta. (Programa de ressocialização transforma vidas através da arte. Gshow, 2017).<sup>3</sup>

Há outros relatos do sentimento de realização, não só por estar fazendo o que gosta, mas por se permitir gostar daquilo, permitir-se ter aquela experiência, mudar de vida mesmo que por alguns minutos, sentir-se livre.

No terceiro capítulo, trouxe planos de aula para trabalhar com as mulheres quando for possível fazer essa pesquisa in loco.

O objetivo do meu trabalho é propor formas de humanizar a situação em que essas mulheres se encontram, estudar como o teatro e a arte influenciam na vida delas, contribuindo na autoestima, na confiança, na busca por uma vida melhor, e principalmente, ressaltar a importância da arte educação no processo de socialização e ressocialização. Além disso, influenciar e inspirar outras pesquisadoras a se envolverem nesses projetos.

Como iniciei minha pesquisa durante a pandemia de Covid-19, não pude fazer o planejamento de início no projeto, já que as medidas não eram previsíveis, portanto, assim que possível pretendo dar continuidade ao meu estudo, tornando-o um projeto.

Por enquanto tudo que tenho em relação ao projeto presencial são expectativas, já que ainda não pude participar ativamente/presencialmente no projeto.

---

<sup>2</sup> O Gshow é um navegador de internet que traz todo o conteúdo do portal de entretenimento da Globo.com para dispositivos móveis.

<sup>3</sup> Disponível em:

<<https://gshow.globo.com/Rede-Clube/Programao/noticia/programa-de-ressocializacao-transforma-vidas-atraves-da-arte.ghtml>> Acesso em: 9 de novembro de 2021.

Esse tema merece ser estudado porque traz visibilidade para as mulheres, promove empatia, bem estar, amizades e influências, além de visibilizar pautas como a situação que os presídios se encontram, a pobreza menstrual, o abandono de mulheres e a maneira que a ressocialização é vista no Brasil.

# CAPÍTULO 01 - A MULHER E A PRISÃO

---

## 1.1 - Situação dos presídios

As situações em que os presídios se encontram, no Brasil, é péssima. As celas estão com superlotação, as comidas, às vezes, azedas e velhas, não tem estrutura para suportar a grande quantidade de pessoas.

Durante a busca de conhecimento da realidade e desabafo das presidiárias (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 90), os pesquisadores foram notando a precariedade da prisão. Falta de estrutura, não havia camas para todas, celas superlotadas, comida azeda. Existe na pesquisa uma crítica importantíssima ao governo. As reclamações das detentas acerca das condições decadentes do presídio eram constantemente invalidadas. Os agentes carcerários alegavam que a manutenção e as providências necessárias eram de um custo excessivo para os cofres públicos. Essa alegação não passa de um pretexto para dizer o quanto essas presas custavam caro para o governo, sendo que, ainda assim, não há o básico.

Com isso, é muito difícil que se espere que nesses locais e o governo invistam em educação e projetos de ressocialização.

Como citado por Orlando de Castro (2004, p.14):

De outro lado, todo esse aparato de dificuldades e falhas do Sistema Prisional, ante a necessidade primordial de reinserção social do preso, faz surgir, no interior do cárcere, insatisfações generalizadas, consistentes em rebeliões, motins, violência, fugas e reincidência. Assim é o Sistema Prisional: marcado pela violência, pelo estigma social que rejeita e marginaliza o preso, lembrando-se destes apenas como “escória da sociedade”, incapazes de serem submetidos ao tão sonhado processo ressocializador.

## 1.2 - Abandono da mulher

A subversão dos direitos das mulheres se faz presente em todas as áreas da sociedade. Segundo os autores Beatriz Leão e Luiz Pedrozo, “o patriarcado funda a estrutura discriminadora da sociedade em relação ao gênero e recebe reforço institucional, caracterizando os relacionamentos interpessoais pela dominação masculina” (2018, p. 24). Dentre as muitas manifestações de desigualdades sociais sofridas pelas mulheres, o abandono entra brutalmente em evidência no contexto do cárcere feminino.

Em um artigo para a Revista Psicologia, Diversidade e Saúde (2016), os autores explicam a complexidade da questão de gênero quando no contexto carcerário, pois:

“[...] a mulher transgressora é vista como merecedora de dupla punição: o delito em si e o crime de não cumprir seu papel social. A condição de presa afeta profundamente a imagem social da mulher, que será portadora desse estigma até mesmo por seus familiares” (Becker, A. et al. 2016, p. 149).

O abandono da mulher na prisão já começa antes mesmo dela estar dentro de uma. Apesar da evolução da nossa sociedade diante do patriarcado, as ações de uma mulher sempre serão julgadas, ainda mais quando ela está dentro de uma penitenciária, independente se o erro foi cometido por ela, ou não.

Quando a mulher está em uma situação de prisão ela normalmente não recebe visita, ela fica muito só, naquele abandono, agora se for ao contrário o seu companheiro que está preso, todo final de semana a sua mulher está lá, enfrentando fila, tendo que passar pela revista íntima, mas ela, a mulher não tem a mesma visita, o sentimento dela enquanto mãe, companheira e muito mais forte pelo fato de ser mulher. Visitadoras são sempre mulheres. São mulheres visitando os homens, são mulheres visitando as mulheres. A diferença é que, no presídio masculino, as visitadoras são mães, companheiras ou namoradas. No presídio feminino, são mães, filhas ou amigas. Há um círculo de mulheres em torno da prisão a que a literatura sociológica descreve como aprisionamento secundário (Freitas, 2017, p. 30).

Um dos desafios enfrentados pelas mulheres encarceradas é a pobreza menstrual. Apesar de ser vivenciada também fora dos presídios, é uma realidade dolorosa e não tão falada quanto deveria, existem projetos de pessoas que coletam absorventes para doação, mas pensar que isso é o mínimo que uma mulher precisa e não tem, é revoltante.

Como as famílias poderiam levar itens de higiene pessoal entre outras coisas para elas, seria um grande adiantamento, porém, como já citado, o número de visitas que essas mulheres recebem é baixíssimo, são abandonadas até pelas próprias famílias, quem dirá pelo sistema.

“Falta, né? E ninguém dá nada de graça pra ninguém. Se tiver dinheiro no pecúlio [*caixinha com dinheiro do preso*], eles também não dão [*absorventes*]. O fato de alguém trabalhar no presídio não significa que não precise. De repente, está juntando aquele dinheiro para fazer, dar algo para o filho”. A frase dita por uma detenta da capital de São Paulo para a jornalista Nana Queiroz, autora do livro *Presos Que Menstruam*, retrata a precariedade enfrentada pelas mulheres presas” (Pobreza menstrual: um problema que afeta desde presidiárias a estudantes. Ponte.org, 2020<sup>4</sup>).

Luciana de Melo (2017) menciona que a diretora de atendimento cita que as mulheres que estão presas cometeram crimes “pequenos”, como tráfico de drogas ou homicídio em situações extremas, mas que a maioria ali está respondendo pelo crime de outra pessoa (p. 44).

Nana Queiroz (2015) revelou dados incômodos: segundo pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, 40% das mulheres presas daquele estado sofriam violência doméstica antes do encarceramento. Algumas delas eram obrigadas, pelos maridos, a trabalhar no tráfico. A autora também afirma que quando um homem é preso, comumente sua família continua em casa, aguardando seu regresso. Quando uma mulher é presa, a história corriqueira é: ela perde o marido e a casa, os filhos são distribuídos entre familiares e abrigos. Enquanto o homem volta para um mundo que já o espera, ela sai e tem que reconstruir seu mundo (p. 77, apud De Melo, 2017, p. 45).

---

4

## **CAPÍTULO 02 - RESSOCIALIZAÇÃO E A ARTE**

---

Como menciona Freitas (2017, p. 41), os critérios de aplicação de medidas ressocializadoras englobam muitas discussões, e são eles: trabalho, educação e arte como medidas ressocializadoras.

No que diz respeito ao trabalho, há um forte estigma da sociedade a necessária associação do trabalho com a dignidade humana e conseqüentemente à integração do indivíduo na sociedade. Se fazem necessárias não só práticas de capacitação profissional dentro dos planos de medidas ressocializadoras, como também uma mudança de atitude da sociedade, uma vez que as oportunidades de trabalho para ex-presidiários são minadas devido ao preconceito e ao medo, resultando na reincidência ao crime.

Sobre a importância da educação no processo de ressocialização, Rayanne Freitas disse:

Em suma, a baixa escolaridade, aliada ao preconceito vigente em nossa sociedade para com ex-presidiários, deixa os detentos em uma situação delicada, e através da educação eles podem obter uma série de informações que os auxiliem na busca de uma nova vida fora do sistema carcerário (Freitas, 2017. p, 44).

Com o auxílio das reflexões acerca da importância do trabalho e da educação, podemos compreender melhor a influência da arte como prática de reinserção do indivíduo na sociedade.

## 2.1 - A influência da arte na prisão

Em um desses encontros com a estagiária que fez parte da pesquisa na revista *Psicologia e Sociedade* (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 92), a mesma é questionada por uma presidiária sobre acreditar em ressocialização, antes mesmo de responder, já recebe uma reflexão que me fez pensar por horas e horas.

*“Imagine prender um cachorro, agora imagine deixar ele sem comer, bater nele, deixar ele trancado, agora imagine quando solta esse cachorro, o que ele vai fazer? Primeira coisa é morder a canela de quem tiver por perto”*. Calamos, todas suspensas, atônitas diante daquela revelação. Enquanto eu me recuperava do incômodo daquela situação, uma atriz-presas comenta: *“É, eu penso assim: se a gente aprendesse um trabalho, aí tudo bem. Eu, por exemplo, queria trabalhar com comida, fazer salgadinho, sonho em ter uma cozinha. Já podia aqui tá aprendendo a cozinhar, porque quando saísse eu já tinha uma coisa pra fazer* (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 92).

E na verdade, essas normas de “ressocialização” são o contrário disso, elas querem domesticar e normatizar (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 93). E isso, não quer dizer que se deva tirar a culpa dos crimes cometidos por essas mulheres, mas é necessário pensar uma maneira para que elas tenham uma vida digna dentro da prisão e depois que saírem de lá, e não de serem humilhadas e excluídas da sociedade.

A partir dessa reflexão, podemos pensar na vida marginalizada dos atores e atrizes-presas – vida descartável, que se pode deixar morrer. Nota-se que esses sujeitos, antes mesmo de ingressarem nessas instituições de confinamento, já estavam inseridos numa lógica de exclusão social. Com isso, falar em vida nua pressupõe explicitar um processo de marginalidade que ocorre durante a vida desses sujeitos, para além do momento das práticas de crimes ou delitos. Vida nua que se pode privar do contato com o outro, de alimentação digna, de cuidados básicos de higiene, de saúde; que se pode submeter a castigos em celas sem iluminação e visibilidade externa. Vida nua que começa desde o nascimento e “termina” no processo sem fim de idas e vindas aos teatros-prisões da vida (Soares; Félix-Silva; Figueiró, 2014, p. 95).

Rayanne de Oliveira Freitas (2017) também menciona que a importância desses projetos se dá a partir do momento em que elas criam experiências vivenciando novas áreas, podendo assim, sair da prisão com alguma perspectiva de reingressar no mercado de trabalho. Além de gerar crescimento pessoal e cultural.

Foi implantado na penitenciária feminina do Distrito Federal (Colmeia), o Projeto Asas, com atividades culturais de artistas femininas do DF. O projeto traz além das atividades de inclusão artística, oficinas, debates e cineclubes. A proposta é o acesso à Justiça e inclusão social por meio da criação de um programa de inclusão cultural no sistema prisional do DF (Freitas, 2017, p. 45).

## **2.2 - Processo dos planos de aula**

É um desafio muito grande montar propostas de aulas quando eu não conheço a realidade que me aguarda, apesar de que eu tenha tido uma noção devido a grande quantidade de artigos e dissertações que tive acesso e estudei, mas nada é tão duro quanto a realidade, e a proposta de montar um projeto de aulas é muito difícil. Eu não sei como serão as questões burocráticas, eu não sei quem são as mulheres que eu vou encontrar, tudo que elas viveram, tudo que elas sentem e passam, elas também não sabem quem eu sou, isso é muito assustador. Eu não sei como é a rotina delas, e por enquanto, eu só pude imaginar tudo isso. Além do medo do desconhecido, também me preocupa montar planos de aulas e não estar condizente com a realidade dessas mulheres.

Quando comecei a leitura da dissertação da Luciana de Melo (2017), eu achei que meu projeto seria curto demais por se tratar apenas de quatro dias, mas no decorrer da leitura, a autora cita as diversas dificuldades com a burocracia do sistema prisional, para conseguir autorizações e documentações para dar início ao projeto.

Por outra vez, isso também gera um desânimo, como desconhecemos a vida delas lá dentro, montamos um plano de aulas ou cronograma baseado em estudos e do que imaginamos, porém, com tanta burocracia, também é incerto que as coisas que podem e não podem lá dentro estão cabíveis no projeto, ou se teremos que cortar atividades para caber as normas da prisão.

Durante a leitura da dissertação, me deparei com muitas semelhanças entre sentimentos meus e da autora, é nítido que antes de iniciar seu projeto, já que não posso dizer que me sinto igual, sendo que não completei o meu desejo.

A autora cita que

procura por uma investigação significativa para mim e para o mundo. Busco algo que oxigene modos de fazer e pensar o teatro, que expanda, transbordando os conceitos tradicionais, de modo a deslocar o conceito de uma arte feita por poucos talentosos e escolhidos para o âmbito da vida (De Melo. 2017, p. 15).

Ela pede aos leitores que encarem o texto como um trabalho em processo: “belo porque é uma porta, abrindo-se em mais saídas” – como disse João Cabral de Melo Neto (1994, p. 95 apud. De Melo. 2017, p.18).

Segundo a autora (2017), a partir do outro projeto de trabalhar com jovens em situação de privação de liberdade, veio o desejo de trabalhar junto às mulheres presidiárias. O intuito do projeto foi construído a partir de uma residência artística da autora em três presídios femininos na região de Minas Gerais, sendo 4 encontros em cada unidade, finalizando em 12 encontros. Durante esse processo, ela conta que no início era tudo um borrão, e que só com o tempo o projeto foi tomando forma. E foi assim que ela foi se constituindo pesquisadora de artes em cena.

Me sinto assim em relação à minha pesquisa, sinto que aprendo cada vez mais com as leituras, mas que será totalmente diferente estar de corpo presente dentro de um sistema de unidade prisional. Sentindo a energia e tudo que paira por ali.

A autora fala como se sentiu angustiada ao

me dispor a lidar com o que eu não sabia. Percebi rapidamente que estar aberta ao processo requeria abrir mão das certezas, me deixar afetar, ser deslocada, ficar vulnerável, no escuro, no “vazio grávido” (Milner, 1991 apud De Melo, 2017. p. 17).

Estar em um projeto como esse requer mergulhar no desconhecido, se deixar afetar. Durante toda a dissertação, ela fala sobre o diário de bordo que fez, e anotou tudo, angústias, desejos, descreve os acontecimentos e relações.

Em seu diário de bordo, a autora relata toda a trajetória, assim como fiz durante meu estágio obrigatório, anotei angústias, ideias, desejos e tudo que acontecia durante o dia que me chamava mais atenção (De Melo. 2017, p. 17).

Sempre me perguntei: por que eu escolhi esse tema? O que eu posso trazer de diferente para a vida dessas mulheres? E durante a leitura, pude me sentir contemplada quando a autora diz:

Esse processo, próprio da pesquisa e artes, provoca angústias e receios, mas, ao mesmo tempo, corresponde ao meu desejo de pesquisa: permanecer mais mobilizada pelas perguntas do que pela ideia de juntar respostas (De Melo. 2017, p. 18).

Assim como Luciana de Melo (2017, p.19), também fui orientada a criar “planos de aula” para realizar com as mulheres em privação de liberdade. Como já mencionado, me senti contemplada quando a autora relata sobre o desafio que seria montar a proposta dos encontros quando não se conhece a realidade das mulheres presas.

A autora descreve como foi a decisão de como seria os encontros prisionais:

Em orientação, pensamos em um novo desenho de pesquisa: realizar performances em quatro espaços prisionais, de modo racional e dialógico. Pouco a pouco, a ideia de residência artística foi tomando forma e concebi uma proposta com duração de quatro dias. Escolhi me apresentar às mulheres participantes através de uma performance, baseada na escrita de uma carta ao meu pai, vinte e dois anos após sua morte (De Melo. 2017, p. 20).

Achei ótima a ideia de começar com a performance de algo tão íntimo da autora, isso gera acolhimento, empatia e união. As pessoas ficam comovidas e começam a se sentir mais íntimas, como se pudessem revelar o íntimo delas, já que a autora já iniciou compartilhando o próprio.

Luciana conta sobre a experiência de como foi se preparar para os encontros, questões de regras, como se organizou para a quantidade de pessoas, até foi questionada por isso, quando um dos membros da banca sugeriu que o mínimo de participantes fosse zero, já que é um projeto sem obrigatoriedade, ela também teria de lidar com a ausência de pessoas participantes. Achei muito interessante esse ponto de vista, já que sempre nos preparamos para receber pessoas, contudo, também precisamos nos preparar para ficarmos sozinhas, caso aconteça (De Melo. 2017, p. 21).

O primeiro encontro da residência proposta pela autora se inicia com um filme “Central do Brasil” de Walter Salles, e com isso desenrola-se os outros encontros. Achei muito boa a ideia de começar com um filme para começar a criar intimidade, já que todos costumam conhecer filmes num geral, ou ouviram falar, e nem todo mundo tem acesso a teatro. No segundo encontro, Luciana apresentou-se de forma performática com um trabalho com fotos e uma carta que escreveu para o seu falecido pai. Ela leu a carta e a certidão de óbito, depois propôs às mulheres a

performance como uma maneira de fazer teatro. Apresentou brevemente um trabalho de quatro performers, sendo elas: Eleonora Fabião, Emily Jacir, Marina Abramovic, Priscila Rezende e Sophie Calle. Além da importância, é também muito interessante apresentar artistas e obras delas, do contexto que está sendo pedido, que é a performance. O terceiro dia foi o dia das cartas, a autora propôs que as mulheres escrevessem cartas para quem elas quisessem, pessoas que poderiam existir ou não, elas decidiam. Foi oferecido selo e postagem nos correios, e também, algumas mulheres ditaram a carta para que ela pudesse escrever. No encontro final, foi proposto que compartilhassem suas cartas como uma maneira de performar. Também combinaram de continuarem tentando trocar cartas após o final da residência, como uma maneira de manter contato (De Melo. 2017, p. 22).

As cartas são uma grande potência no sistema prisional. É a importância do afeto, a importância de olhar para o outro.

A gente foi [...] incorporando, oxigenando o roteiro com cartas verdadeiras, quer dizer, as cartas do filme, 90% são cartas verdadeiras, cartas que existiam mesmo, que as pessoas [...] vinham e diziam: eu queria ditar uma carta. E naquele momento a gente percebia que aquilo tinha uma importância vital e, aliás, você percebe muito bem quando é ator e quando não é. Quando a pessoa precisa mandar aquelas cartas e as cartas são mandadas. Esse é um filme sobre a importância de mandar as cartas. Esse é um filme sobre a importância de você olhar pro outro. Esse é um filme sobre a importância de você ter afeto (entrevista de Walter Salles; DVD Central do Brasil - extras. apud De Melo. 2017, p. 24).

Por que e como fazer teatro com mulheres presas? Este é um dos subtópicos do primeiro capítulo da dissertação de Luciana, que é a dúvida que todos têm quanto ao meu trabalho, e confesso que até eu já pensei várias vezes nisso.

A autora Luciana de Melo cita que também é questionada pelas mesmas coisas, e a resposta para essas perguntas é o compromisso que ela tem com uma sociedade mais justa e menos desigual, bem como no fato de ser mulher, feminista<sup>5</sup> (De Melo. 2017, p. 25).

---

<sup>5</sup> Ser feminista significa, no contexto desta pesquisa, partir do princípio de que, em nossa sociedade, as mulheres vivem condições desiguais de vida, sendo expostas a diversas formas de violência – física, simbólica, psicológica, institucional. Alguns grupos estão mais vulneráveis, como mulheres negras, pobres, lésbicas ou trans. Essas desigualdades são construídas histórica e culturalmente. São naturalizadas e, por vezes, invisibilizadas. À medida que as mulheres conquistam direitos, os modos de opressão também se refinam, se sutilizam, de maneira que fica cada vez mais difícil percebê-los. O feminismo é um movimento de luta pela igualdade de gêneros. Atualmente essas lutas acontecem de diversos modos, sendo marcadas pela pluralidade de vozes. Mais cabível seria falar em feminismos (De Melo, Luciana. 2017, p. 25).

O que “ganhariam” ao participar do trabalho? Que contribuições eu iria oferecer? Esses são questionamentos importantes, do ponto de vista ético. Como fazer para que o trabalho não fosse significativo somente para mim? Como pesquisadora eu não tinha controle sobre os sentidos construídos por cada mulher ao participar da residência artística, mas o cuidado ético com a forma como os encontros iriam ressoar foi um princípio orientador deste trabalho (De Melo. 2017, p. 25).

Tem de ter muito cuidado com certas emoções que podem vir à tona durante o processo de residência artística, por conta da situação delicada que já vivem, alguns sentimentos podem vir a piorar a situação delas lá dentro.

Na banca de defesa desta dissertação, o professor Marcos Hill perguntou-me quais tinham sido as urgências que me levaram à construção deste trabalho: o que me levou à proposta junto às mulheres presas? Porque me dispus a este tipo de exposição? Para responder à sua questão, reafirmo que a pesquisa está ancorada em minha biografia, na busca por um modo de pesquisar e de fazer teatro conectado com a vida e que se fundamenta na criação poética de cada pessoa (Machado, 2015, apud De Melo. 2017, p. 26).

A autora Luciana de Melo, (2017, p. 26) diz que ao ser questionada “por que fazer teatro?”, respondeu: “faço teatro porque tenho fome de ser, faço teatro para sentir que existo”. E é exatamente isso que quero ao prosseguir com meu projeto, é assim que eu quero que essas mulheres se sintam, se sintam vivas!

Diante da primeira vez dentro do espaço prisional, a autora diz que ficou muito tensa, ansiosa e cheia de dúvidas, pensou em como seria recebida e o que achariam da proposta. Finalmente as presas saíam do seu imaginário. Ela conta que tentou admirar o espaço e tentou se livrar de todas as suas suposições e preconceitos (De Melo. 2017, p. 29).

Durante o encaminhamento de documentos e propostas aos presídios, a autora cita que estava disposta a mudar a proposta para caber dentro das regras institucionais, se fosse o caso. A pessoa que estava responsável por resolver essa burocracia citou que o projeto era pioneiro, “que ninguém queria fazer trabalho com as presas” (De Melo. 2017, p. 31). Fiquei bem mal pensando nisso, até a pessoa responsável pela documentação fala do abandono dessas mulheres, como que em tanto tempo não teve um projeto?

Durante o processo burocrático, muitas questões deram errado, como troca de funcionários que estavam responsáveis pelo projeto, com isso, demorou mais ainda para sair a aprovação do projeto, e segundo a autora, isso foi bem desgastante. As penitenciárias escolhidas foram: Complexo Penitenciário Feminino

Estevão Pinto (Belo Horizonte/MG); Presídio Feminino José Abranches Gonçalves (Ribeirão das Neves/MG); Complexo Penitenciário de Ponte Nova (Ponte Nova/MG).

A intenção da autora era fazer o convite pessoalmente para as detentas, o que é uma ótima iniciativa, porque gera curiosidade e também um início de uma possível intimidade, porém só na Penitenciária de Ponte Nova foi possível.

Goffman (2010) afirma que ao dar entrada em uma instituição total, a pessoa possui certas concepções sobre si, possíveis graças a “algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico” (p. 24). Ao ser privada de liberdade, imediatamente vê-se despida do apoio dado por tais disposições. A esse processo o autor nomeia “mortificação”: começa uma série de rebaixamentos, degradações, humilhações e profanações do eu. O seu eu é sistematicamente, embora muitas vezes não intencionalmente, mortificado. Começa a passar por algumas mudanças radicais em sua carreira moral, uma carreira composta pelas progressivas mudanças que ocorrem nas crenças que têm a seu respeito e a respeito dos outros que são significativos para ele (Goffman. 2010, p. 24, grifos do autor apud De Melo. 2017, p. 33-34).

Luciana de Melo (2017, p. 34) fala que a primeira mutilação do eu é a separação entre o “mundo de dentro” e o “mundo de fora”.

A autora Luciana, discorre sobre os espaços prisionais, fala sobre estrutura, superlotação, falta de agentes, lugar de opressão. Deixando claro que nem todos que ela foi possuem todos os problemas citados, mas pelo menos um deles sim, e em alguns, todos os problemas citados.

Vários elementos foram configurando essa atmosfera hostil: a arquitetura; os uniformes vermelhos; as corporalidades de mulheres presas e agentes; meus imaginários; os discursos de alguns funcionários; os procedimentos disciplinares, entre eles as revistas para entrada no lugar; os muros altos; as guaritas; os coletes à prova de balas; uma roupa usada por alguns agentes que lembra roupa de guerra; as algemas; os modos como agentes por vezes me trataram; os olhares dos homens presos, no presídio misto (de curiosidade e ao que parece desejo e/ou sedução); as celas, localizadas num lugar mais inóspito... (De Melo. 2017, p. 43)

Segundo a pedagoga da unidade, tem dois dias de visita, mas são pouquíssimas pessoas que caberiam em uma quadra.

No próximo capítulo falarei sobre a descrição dos planos de aula, juntamente com a apresentação desses planos, relatando como eu espero que essa experiência se dê com a continuidade do projeto.

## **CAPÍTULO 03 - PLANOS DE AULA**

---

Como nos capítulos anteriores foram abordadas as diversas dificuldades enfrentadas pelas mulheres em cárcere e juntamente com as considerações acerca da importância da arte no processo de ressocialização, o projeto dos planos de aula nasceu com o intuito de proporcionar um ambiente onde as detentas possam entrar em maior contato com um eu-sensível e se sentirem seguras para compartilhar suas sensações e experiências.

Sobretudo, espera-se que através da criação de um local seguro para expressão (que é a intenção das propostas e intervenções contempladas nos planos de aula), as mulheres possam vislumbrar o caminho para reencontrar uma versão de si mesma ainda não subvertida pelas mazelas do sistema.

### **3.1 - Descrição dos planos de aula**

O projeto de aulas a ser executado, propõe um encontro por semana durante seis semanas, cada encontro com a duração de duas horas, porque seria mais fácil conseguir a liberação, além de facilitar a criação de um vínculo com as detentas. Os planos de aula estimam um grupo de 40 detentas.

Durante o processo de elaboração, o projeto ganhou inspiração na experiência relatada por Luciana de Melo (2017) em sua dissertação. A metodologia adotada para a prática faz uso do mesmo filme utilizado pela autora.

Sempre, antes de começar os exercícios ou propostas, propõe-se uma conversa sobre como as participantes estão se sentindo naquele determinado dia, isso gera um acolhimento, visando a criação de um lugar seguro, onde podem ser elas mesmas, mesmo que ainda estejam dentro do sistema prisional.

A primeira aula será introduzida com uma roda de conversa para me apresentar e apresentar o projeto. Em seguida, será assistido em grupo o filme: Central do Brasil, que se trata de Dora, uma ex-professora que escreve cartas para pessoas que não sabem ler ou escrever, ela fica na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro. Sua vida muda completamente quando encontra Josué, que perdera sua mãe, e ela entra nessa viagem em busca do pai do menino, para quem ela já havia escrito uma carta. É um filme emocionante, creio que conectará muito mais o grupo. E fala sobre a escrita de cartas, também inspirada na dissertação da Luciana de

Melo (2017), e na segunda aula, iremos terminar de assistir o filme, porque não dá tempo na primeira, o longa-metragem tem duas horas de duração, que é o período de aula. Também na segunda aula, iremos iniciar uma oficina de cartas, todas poderão escrever cartas para pessoas que existem ou não. E elas poderão ser enviadas, caso queiram, eu mesma enviaria.

A carta é muito importante dentro de um sistema de privação de liberdade. Teoricamente é o único contato que as pessoas em privação de liberdade têm com o mundo externo, fora as visitas, que a maioria não recebe.

O objetivo da primeira aula é as alunas entenderem a proposta e estarem dispostas a participar, claro que sem obrigatoriedade.

PLANO DE AULA - TCC					
AULA	TEMPO	TEMA DA AULA	OBJETIVO	METODOLOGIA	MATERIAIS
1	120min	Apresentação do projeto	Compreender a proposta e disporem-se a participar	Primeiros 15 minutos para apresentação e conversa. Explicar o passo a passo de como vai funcionar, dias que nos encontraremos, expectativas	Nenhum
		Filme: Assistir a primeira metade do filme Central do Brasil	Assistir ao filme	Começar a assistir o filme Central do Brasil, que fala sobre escrita de cartas para analfabetos.	TV/ projetor/ computador (o meu pessoal)
2	120min	Filme: Assistir a segunda metade do filme Central do Brasil	Assistir ao filme	15 minutos: Conversar sobre como estão se sentindo. Continuação do filme Central do Brasil, que fala sobre escrita de cartas para analfabetos.	TV/ projetor/ computador (o meu pessoal)
		Escrita de cartas	Escrever cartas para pessoas que existem ou não, conversar sobre o que essa escrita causou nelas	Conversar sobre como o filme reverberou nelas, se elas gostariam de escrever cartas	Papéis, canetas e lápis

Tabela 01.

As cartas escritas revelaram, sempre, algo sobre suas autoras e condições de vida. O ato de compartilhá-las provocou comoção. A leitura e escrita foi, muitas vezes, acompanhada de narrativas pessoais, depoimentos, dizeres que revelavam os sentidos daquela carta. Nem todas as cartas foram lidas, performadas. Houve algumas que nem cheguei a ler, porque entendi que quem escreveu não desejava compartilhar comigo. O mote para o convívio foi a criação e partilha das cartas, mas o acontecimento vivido foi mais amplo, expandiu-se em diálogo: olhar o outro e ouvir a si; falar de si e ouvir o outro. Intento, aqui, partilhar e dizer desse encontro de intimidades. Desvelar fragmentos dos mundos de vida das mulheres participantes, no modo como se apresentaram a mim, sob a forma de cartas ou narradas como depoimento, desabafo ou partilha de si (De Melo, 2017. p. 98).

Na terceira aula iniciaremos uma roda de conversa e faríamos a continuação da escrita de cartas para quem quisesse, e em seguida uma leitura das cartas para quem se sentisse à vontade em compartilhar, eu iniciaria lendo uma minha para que elas se sintam seguras e confortáveis em compartilhar seus sentimentos e escritas com o grupo. A leitura das cartas também deve ser performativa. Em seguida, uma roda de conversa sobre as leituras, para que elas possam relatar as compreensões e dificuldades do processo até o momento e conversar sobre o filme.

AULA	TEMPO	TEMA DA AULA	OBJETIVO	METODOLOGIA	MATERIAIS
3	120min	Leitura das cartas e roda de conversa	Narrar experiências através da socialização dos textos	15 minutos: Conversar sobre como estão se sentindo. Continuação da escrita de cartas, caso precisem, depois roda de conversa e leitura das cartas para quem se sentir à vontade em compartilhar.	
		Roda de conversa sobre as leituras e o filme	Relatar as compreensões e dificuldades encontradas durante o processo criativo e conversar sobre o filme		

Tabela 02.

Na quarta aula iremos iniciar com o aquecimento “pique-cola americano”, a proposta é iniciar a brincadeira com um pego que vai colando as pessoas, quem não for pego tem que descolar as outras participantes. Ao decorrer da brincadeira, o nível vai aumentando para dois pegos, e para descolar as outras é necessário passar por baixo das pernas. O objetivo é aquecer o corpo e se divertir para dar início ao próximo exercício, o jogo é de Augusto Boal<sup>6</sup> e se chama “Contar a sua própria história”, que consiste em: uma atriz conta qualquer coisa que realmente lhe aconteceu, ao mesmo tempo os seus companheiros ilustram a história que ela vai desenvolvendo, a atriz que narra não pode interferir, nem fazer correções durante o exercício. No fim, as diferenças serão discutidas e a narradora terá a oportunidade de comparar as suas impressões com as de suas companheiras.

AULA	TEMPO	TEMA DA AULA	OBJETIVO	METODOLOGIA	MATERIAIS
4	120min	Aquecimento	Aquecer o corpo para os exercícios	No início, conversar sobre como estão se sentindo. Em seguida, um breve aquecimento com pique-cola, e ao longo do aquecimento, aumentamos o nível para o pique cola americano.	Não se aplica
		Exercícios de corpo/personagem		CONTAR A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA - Uma atriz conta qualquer coisa que realmente lhe aconteceu: ao mesmo tempo os seus companheiros ilustram a história que ela vai desenvolvendo. A atriz que narra não pode interferir, nem fazer correções durante o exercício. No fim se discutirão as diferenças. A narradora terá a oportunidade de	Não se aplica

<sup>6</sup> BOAL, Augusto. 200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

				comparar as suas reações com as das suas companheiras.	
--	--	--	--	--	--

Tabela 03.

Na quinta aula, iniciaremos com uma conversa, para as mulheres relatarem como estão se sentindo, em seguida, começaremos o aquecimento com um alongamento proposto por mim, e depois cada uma irá propor um movimento simples, sendo pular, rebolar, balançar os braços. Após o aquecimento, iremos dar início aos exercícios de corpo, o primeiro consiste nas mulheres fazerem duplas, onde cada uma estará com um papel com algo escrito colado nas costas, o objetivo é tentar ver o que está escrito nas costas da outra, mas ambas não podem deixar, se tornando uma espécie de dança. O próximo exercício consiste em uma dança de costas: duas atrizes juntam as costas e dançam, uma comanda o movimento, enquanto a outra a segue. Os materiais usados nessa aula serão papéis, lápis, durex e caixa de som.

AULA	TEMPO	TEMA DA AULA	OBJETIVO	METODOLOGIA	MATERIAIS
5	120min	Aquecimento		Alongamento proposto primeiro por mim, em seguida peço a quem quiser propor um movimento.	
		Exercícios de corpo		As mulheres fazem duplas, onde cada uma estará com um papel com algo escrito colado nas costas. O objetivo é tentar ver o que está escrito nas costas da outra, mas ambas não podem deixar, se tornando uma espécie de dança.	Papel, lápis e durex

		Exercícios de corpo		Dança de costas: duas atrizes juntam as costas e dançam. Uma comanda o movimento, enquanto a outra a segue.	Caixa de som
--	--	---------------------	--	---	--------------

Tabela 04.

Já na última aula, iremos iniciar a finalização, faremos uma roda de conversa para os relatos sobre como foi o processo, as sensações, pensamentos, desabafos, qualquer coisa que queiram compartilhar será bem-vinda. O objetivo é relatar as compreensões e dificuldades encontradas durante o processo criativo, em busca da melhoria do projeto para todas, e assim, poder voltar outras vezes com novos objetivos e aprendizados.

AULA	TEMPO	TEMA DA AULA	OBJETIVO	METODOLOGIA	MATERIAIS
6	120min	Finalização	Relatar as compreensões e dificuldades encontradas durante o processo criativo	Roda de conversa: relato sobre como foi o processo, sensações, pensamentos, desabafos.	Não se aplica
		Despedida		Finalização de projeto e despedida.	Não se aplica

Tabela 05.

Como narrado na dissertação, a relação entre mim e as mulheres participantes se modificava ao longo dos dias e criamos um clima de cumplicidade. O fato de deixarem de me chamar de “Dona” ou “Senhora” para me chamar pelo nome reflete a mudança. As mulheres presas, por vezes, se emocionaram ao final da residência. Trago aqui algumas de suas palavras: Nadir me disse: “Você não sabe o bem que fez, a carta é uma visita.”. Surpreendi-me quando falou: “Até esqueci que tava presa”. Ressaltaram a postura de “chegar de igual para igual”, sem demonstrar medo ou preconceito. Hilda desabafou, chorando: “As pessoas têm medo, acham que a gente vai fazer algum mal, que a gente é bicho.”. Marta disse: “Você trouxe humanidade e igualdade.”

Ainda no segundo dia de encontro, em Ribeirão das Neves, Ana me perguntou chorando: “Luciana, depois desses quatro dias você vai voltar?”. Alguém perguntou por que chorava e respondeu que estava emocionada. Indaguei o porquê da pergunta e só então percebi que estava emocionada

pela proposta: “Porque eu acho que é bom alguém igual a você vir aqui, oferecer seu trabalho pra gente. Você poderia estar fazendo outras coisas, poderia estar na sua casa. Você veio, sem preconceito.” (De Melo, 2017. p. 139 - 140).

A sensação descrita pelas mulheres em cárcere citadas na dissertação de Luciana de Melo, me serviu de grande inspiração no processo criativo dos planos de aula, a possibilidade da sensação de emancipação e acolhimento que elas sentiram durante a experiência com a pesquisadora, conversa com todas as crenças mencionadas acerca do poder de ressocialização da arte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

No término dessa pesquisa, vemos que a ressocialização é de extrema importância para a sociedade, visto que, diante dos discursos relatados pelos pesquisadores citados, percebe-se a melhoria da qualidade de vida dessas pessoas dentro do sistema carcerário brasileiro.

O objetivo da ressocialização é, justamente, oferecer tratamento humanizado e dignidade para a pessoa em situação de cárcere, onde essa pessoa tenha acesso à educação, tratamento psicológico e projetos de profissionalização, visando a reintegração dos apenados ao convívio coletivo em sociedade. Ademais, o objetivo da pesquisa é, além desses fatores, visar maior qualidade de vida para as mulheres encarceradas, para que tenham o básico de itens de higiene, e para além disso, se reconheçam como mulheres dentro da sociedade, que se enxerguem através da arte.

Com isso, influenciar outras pessoas a pesquisarem sobre o tema, a enxergarem essas mulheres além do crime que cometeram.

Apesar de ser uma pesquisa bibliográfica, foi muito desafiador falar sobre esse processo, principalmente por não ter vivenciado ele pessoalmente. Quando falamos sobre uma coisa que vivenciamos, tudo se torna mais prático, porque você estava ali, você viu tudo acontecer. Quando você fala sobre a visão de outras pessoas, você precisa, para além disso, adaptar a sua visão perante a da pessoa que vivenciou aquilo por você.

Pretendo dar continuidade ao meu projeto, colocando em prática o meu estudo e os meus planos de aula.

## REFERÊNCIAS

---

BECKER, Anna et al. O cárcere e o abandono: prisão, penalização e relações de gênero. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 5, n. 2, 2016.

BOAL, Augusto. **200 exercícios e jogos para o ator e o não-ator com vontade de dizer algo através do teatro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

CASTRO, Orlando Gomes de. A ressocialização de detentos da prisão provisória de Curitiba estimulada pela arte-educação: relato de experiência. **Curitiba, Faculdade de Artes do Paraná. Monografia de Especialização**, 2004.

CONCÍLIO, Vicente. **Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística em processos teatrais com população carcerária**. 2006. Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/ata/pos/ppgac/Teatro%20e%20prisao.pdf>>

DE MELO, Luciana Cezario Milagres. **Mergulho no escuro: o teatro é [no] encontro com o outro no mundo**. 2017.

FERNANDEZ, Livia Martins. **Dos cantos de como se fez um teatro inventado: práticas artísticas com jovens em unidades de acolhimento institucional**. 2016.

FREITAS, Rayanne de Oliveira. **O processo de ressocialização das mulheres privadas de liberdade no Distrito Federal e o trabalho como medida socioeducativa**. 2017.

GSHOW. **Programa de ressocialização transforma vidas através da arte**. 2017. Disponível em: <<https://gshow.globo.com/Rede-Clube/Programao/noticia/programa-de-ressocializacao-transforma-vidas-atraves-da-arte.ghtml>> Acesso em: 9 de novembro de 2021.

LEÃO, Beatriz do Brasil Volpi; PEDROZO, Luiz Henrique Batista de Oliveira. A evolução legislativa dos direitos femininos pós Constituição Federal de 1988 e a sua relação com os movimentos feministas. **Histórias e teorias críticas do direito**, v. 1, p. 20-40, 2018.

MARTINEZ, Isabella. **A pobreza menstrual nos presídios femininos brasileiros**. Fala universidades, 2021. Disponível em: <<https://falauniversidades.com.br/a-pobreza-menstrual-nos-presidios-femininos-brasileiros>> Acesso em: 8 de novembro de 2021.

SILVA, Eliana Doraci da Silva; MORAES, Dayane Vicente de. **Dispositivos disciplinares: uma análise de projetos artísticos na prisão**. Urdimento, Florianópolis, v. 3, n. 39, nov./dez. 2020.

SOARES, G. P.; FÉLIX-SILVA, A. V.; FIGUEIRÓ, M. E. S. S. (2014). **Teatro-menor:**

**cartografia em arte e experimentação de mulheres em situação de cárcere.**  
*Psicologia & Sociedade*, 26(n. spe.), 89-9

TRACANELLA, B. et al. **Pobreza menstrual: um problema que afeta desde presidiárias a estudantes.** Ponte.org, 2020. Disponível em: <<https://ponte.org/pobreza-menstrual-um-problema-que-afeta-desde-presidiarias-a-e-studantes/>> Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

TRIBUNA DE MINAS. **Arte no cárcere: calendário ajuda a refletir sobre ressocialização.** 2020. Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/02-02-2020/arte-no-carcere.html>. Acesso em: 8 de novembro de 2021.